

## “Recuerdos” da Memória de uma Professora de Classe Multisseriada

*JULIANA DA ROSA RIBAS*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)

*HELENISE SANGOI ANTUNES*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)

### RESUMO

Este artigo constitui-se a partir da análise de narrativas (auto)biográficas da história de vida de uma professora rural em classes multisseriadas na localidade de Santo Antônio, interior do município de Jari/RS. A pesquisa foi elaborada com o objetivo de compreender, a partir da memória de uma professora que atuou em classe multisseriada, [re] significações sobre os processos formativos vivenciados e suas imbricações com a vida pessoal e profissional. O estudo fundamentou-se em Bauer e Gaskell (2002), por meio da metodologia de história de vida, com ênfase nas narrativas (auto)biográficas, e como instrumentos de recolha de informações, foram utilizadas entrevistas narrativas. O referencial teórico está assentado nas contribuições de Abrahão (2006); Antunes (2007); Bosi (1994); Delory-Momberger (2008), Hage (2010); Isaia e Bolzan (2009) Josso (2004); Molinari (2009); Nóvoa (1995); Santos (2007); Souza (2006). Pode-se perceber, a partir da análise das narrativas, que estas ganharam sentido e se potencializaram como formadoras, por meio da reflexividade biográfica em que a professora empreendeu ao narrar sua história, revelando implicações sobre seu trabalho docente, frente às peculiaridades e singularidades, possibilitando, assim, reflexões sobre a vida, a formação e a profissão do ser docente em classe multisseriada.

**Palavras-chave:** História de Vida; Narrativas (Auto)Biográficas; Classes Multisseriadas.

## “Recuerdos” of the Memory of a Multi-Session Class Teacher

### ABSTRACT

This article is an analysis of (auto) biographical narratives from the life history of a rural teacher in multisserial class in Santo Antônio locality, Jari city, in Rio Grande do Sul state, Brazil. The research was developed with the purpose of understanding, from a teacher's memory who worked in a multisserial class, [re] significations about the formative processes experienced and their imbrications with personal and professional life. The study was based on Bauer and Gaskell (2002), through the methodology of life history, with emphasis on (biographical) narratives, and as information gathering instruments, narrative interviews were used. The theoretical reference is based on the theoretical contributions of Abrahão (2006); Antunes (2007); Bosi (1994); Delory-Momberger (2008), Hage (2010); Isaia and Bolzan (2009) Josso (2004); Molinari (2009); Nóvoa (1995); Santos (2007); Souza (2006). It can be seen from the analysis of the narratives, that these have gained meaning and potentiated as formators, through the biographical reflexion in which the teacher undertook to narrate its history, revealing implications on her teaching work, facing the peculiarities and singularities, thus making possible reflections on the life, the formation and the profession of the teaching being in multisserial class.

**Keywords:** History of Life; Narratives (Auto) Biographical; Multi-class.

## INTRODUÇÃO

Este artigo emerge das discussões referentes à formação inicial e continuada de professores e dos estudos sobre as escolas rurais no contexto de classes multisseriadas no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA). Emerge também das discussões realizadas durante o *Seminário Temático Avançado II: Histórias de Vida: possibilidades da escrita de si e do outro*, disciplina ofertada pelo Programa de Pós Graduação em Educação da universidade Federal de Santa Maria, que suscitou no desenvolvimento desta pesquisa, a qual visa compreender, por meio da memória de uma professora que atuou em classe multisseriada, as [re]significações sobre seus processos formativos e suas imbricações com a vida pessoal e profissional.

Entende-se que a forma peculiar como cada professor vincula-se ao trabalho e à sua trajetória de vida é o que determina o desenrolar do seu percurso profissional. Dessa forma, percebe-se a pertinência do uso das histórias de vida de professores como recurso metodológico, o qual permite trazer as implicações sobre seus processos formativos e suas imbricações do significado de ter sido professora em classe multisseriada,

A reflexão, por meio da narrativa (auto)biográfica, é um campo fértil, uma vez que permite articular as marcas da história de vida de cada sujeito com a sua experiência profissional, onde demarca a importância do tempo e da memória para a construção do ser professor. Para o desenvolvimento da pesquisa e por entender que converge com o objetivo da investigação, optou-se pelo uso da metodologia História de Vida, com ênfase nas narrativas (auto)biográficas.

O uso da entrevista narrativa, como instrumento de recolha de informações, permitiu compreender aquilo que Momberger (2008) coloca: a narrativa não é apenas o meio, mas o lugar, é onde a história de vida acontece na narrativa. O que dá forma ao vivido e às experiências dos sujeitos são as narrativas que eles fazem de si. O narrar é o lugar no qual o sujeito toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de vida.

Com isso, entende-se que a professora que participou como colaboradora da pesquisa, ao estar narrando sua história de vida, teceu possibilidades de refletir

sobre suas vivências e experiências, proporcionando o (re)pensar sobre sua prática docente. Cada narrativa estava carregada de suas subjetividades e permitiu revelar sentidos, significados e o [re]significar de sua atuação como professora no contexto das classes multisseriadas.

## O NARRAR-SE E A METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por trabalhar com a metodologia história de vida, segundo estudos de Abrahão (2006), Josso (2004) e Souza (2006), com ênfase nas narrativas (auto)biográficas.

Souza (2006) trata da história de vida e formação como a arte de contar e de trocar experiências e afirma que as relações entre a história de vida do professor e a história de vida do pesquisador confrontam-se, negam-se, confirmam-se, convergem-se. É apenas uma troca de experiência que dará vida e credibilidade à pesquisa educacional.

Segundo Abrahão (2006), a narrativa em pesquisa (auto)biográfica representa um momento de maior imbricação entre o colaborador e o pesquisador, visto que, quando o colaborador da pesquisa conta sua vida, ele não está relatando para um gravador, mas está reelaborando, [re]significando sua história através da interação entre ambos. Entende-se que, trabalhando com narrativa de vida, as pessoas, ao rememorarem, conseguem dar outro significado, um novo sentido à sua vida.

Conforme Ricoeur (2007), a memória traz algo que não seria uma reconstrução exata do que se passou, mas ela proporciona pequenos fragmentos do passado, respeitando as suas diferentes nuances e limitações, o que possibilita ao pesquisador, durante as entrevistas narrativas (auto)biográficas, a compreensão das falas da colaboradora fazendo um imbricamento com a própria história de vida.

Para Bauer e Gaskell (2002), a entrevista narrativa trata-se de uma técnica específica de recolha de dados, por possuir, como características, narrativas mais aprofundadas e abertas, as quais têm como foco reorganizar os percursos formativos da vida pessoal e profissional. Ainda segundo Bauer e Gaskell, (2002, p.91):

[...] as narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar, contar histórias é uma forma elementar de co-

municação humana e independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Assim, possibilita-se compreender, hoje, o desvelamento de ser e tornar-se professora em classe multisseriada.

Conforme Souza (2006, p. 101):

A narrativa (auto)biográfica, ou, mais especificamente, a narrativa de formação oferece um terreno de implicação e compreensão dos modos como se concebe o passado, o presente e, de forma singular, as dimensões experienciais da memória de escolarização.

Nesse entendimento, Souza (2006) coloca que, por meio da entrevista narrativa (auto)biográfica, é possível lidar com o que o indivíduo deseja revelar, com o que ele deseja ocultar e com aquilo que quer projetar de si mesmo e de outros ao estar rememorando sua história e sua trajetória.

Acredita-se na potencialidade desse instrumento de recolha de informações, pois, por meio dele, foi possível à colaboradora da pesquisa compartilhar aquilo que fez e ainda faz parte de sua vida, como também a oportunizou compreender a construção de sua trajetória tanto pessoal quanto profissional, podendo expressar seu modo singular de ser professor em meio às classes multisseriadas.

Essas lembranças que afloram pelo ato de rememorar, segundo Josso (2004), são experiências formadoras que ajudam na construção da identidade do professor. Assim, entende-se, conforme Antunes (2007), que a construção da identidade do professor não pode e não deve ser considerada somente a partir de seus conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, em sala de aula, como aluno, mas, também, por meio de toda uma história de vida.

Nóvoa (1995) corrobora esse entendimento, ao considerar a história de vida a reconstrução de processos pessoais individuais e coletivos de formação do professor, levando em conta os cenários de formação, os saberes sobre a docência e profissão e os contextos formativos que foram vivenciados.

Compartilha-se com a ideia de Bosi (1994), que considera um exercício sistemático o ato de escrever a própria história, rever a própria trajetória de vida e aprofundar a reflexão sobre ela, pois, assim, se podem descobrir novos signi-

ficados para o passado, trazendo-os para o presente. Ainda conforme a autora, “através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as percepções sobre o presente, como também desloca esse conjunto de impressões construídas pela interação do presente com o passado que passam a ocupar todo o espaço da consciência” (1994, p. 09).

Com isso, entende-se que assim como as identidades não podem manter-se estáticas, devido à grande diversidade existente na sociedade em que vivemos, as histórias de vidas são diversas e plurais, transformam-se, modelam-se e se cruzam com outras histórias, formando uma teia e que se torna imprescindível a alteridade, o respeito pelas singularidades, especificidades e subjetividades de cada sujeito.

Segundo Ribas e Antunes (2017), quando se é brindado pela vida e se tem a oportunidade de conhecer a história de professores rurais de classes multisseriadas, há um sentimento de pertencimento dessa história, pois essa é a essência de trabalhar com histórias de vida de professores. Constroem-se teias, já que é uma história de vida que, quando ligada a outras histórias, produz sentidos tanto para vida quanto para a profissão de quem conta e de quem escuta. Essa é a essência de se trabalhar com história de vida, a possibilidade da (auto)formação e o entendimento de que se abre mão de autoria solitária para uma autoria compartilhada, pois cada um se constrói com o outro e a partir do outro.

## POSSIBILIDADES DE ESCRITA DE SI E DO OUTRO A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA RURAL NO CONTEXTO DAS CLASSES MULTISSERIADAS

Entende-se que trabalhar com História de Vida é desenvolver um processo onde um narrador relata as experiências que ele considera mais importantes em sua trajetória. Para que isso aconteça, é necessário que se estabeleçam relações de comunicação e de poder entre os dois sujeitos envolvidos, sendo que estas podem influenciar nas narrativas (auto)biográficas. É preciso que o colaborador da pesquisa sinta-se à vontade e tenha o desejo da realização do trabalho proposto.

Durante a pesquisa, buscou-se estabelecer uma relação de confiança mútua entre a colaboradora e as pesquisadoras, uma vez que se acredita ser este um

aspecto essencial para que a história de vida seja contada espontaneamente, sem medos e sem barreiras, respeitando e valorizando as singularidades de cada colaborador.

Carinhosamente, a professora rural de classes multisseriadas abriu as portas de sua casa e de sua vida para contar um pouquinho de sua trajetória na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prudente de Moraes. Dona Ivanir Pinto da Silva, hoje com 71 anos de idade, reside na localidade de Santo Antônio, interior do Município Jari/RS, e à frente de sua casa, hoje, fica localizada a escola na qual atuou 30 anos.

Ao revisitar seu baú de memórias, Dona Ivanir emociona-se com suas lembranças de educadora. Conta às pesquisadoras onde a escola funcionava no início:

No início, a escola não tinha um prédio próprio, então a Dona Diva Pinto Moreira, cedeu umas partes de sua casa para que as aulas pudessem acontecer. A escola foi construída com prédio próprio em 1972. (Professora Ivanir, Entrevista narrativa 2017).

Percebe-se, na fala dela, um cenário marcante nas escolas rurais e, especificamente, no contexto das classes multisseriadas. Hage (2010) ajuda a entender esse cenário, quando aborda, em suas pesquisas, algumas particularidades que essas escolas apresentam.

Na maioria das vezes, essas escolas encontram-se localizadas em pequenas comunidades rurais afastadas das sedes dos municípios, muitas funcionando em situações precárias, contendo, às vezes, uma única sala de aula, onde se realizam as atividades pedagógicas e as demais atividades que envolvem os sujeitos da escola. Isso faz aumentar a visão de uma escolarização empobrecida e esquecida, que tem sido ofertada no meio rural, o que passa a incentivar as populações do campo a irem em busca de uma solução para os problemas encontrados: estudar na cidade.

Outra particularidade refere-se a sobrecarga de trabalho dos professores devido ao fato de um único professor atuar em uma sala com muitas séries, além de desempenhar papéis que vão além do ser docente, bem como às angústias relacionadas à organização do trabalho pedagógico, pois muitos professores das classes multisseriadas deparam-se com muitas dificuldades frente à organização do trabalho pedagógico.

Além disso, há, também, o despreparo em trabalhar com turmas heterogêneas, com idades, séries, ritmos de aprendizagem diversificados, o que acaba, muitas vezes, fazendo com que esses profissionais adotem a lógica da seriação, desenvolvendo seus trabalhos de forma fragmentada, mecânica, repetitiva, o que acaba distanciando-os da realidade em que estão inseridos.

Dessa forma, o currículo acaba por ficar deslocado da realidade do campo, reforçando-se a ideia de um currículo dentro de uma concepção urbanocêntrica, a qual desvaloriza os saberes, os valores, os modos de ser e estar do campo, fazendo com que, muitas vezes, esses sujeitos do campo sintam-se “apagados”, distanciando-os de suas raízes.

A falta de acompanhamento pedagógico por parte das secretarias de educação também é uma particularidade presente em meio as classes multisseriadas. Essa situação é fruto do descaso desses órgãos governamentais para com as escolas multisseriadas, pois não investem na formulação de políticas e propostas pedagógicas específicas para essa realidade nem na formação dos docentes que atuam nessas escolas, o que faz com que muitos professores acabem se sentindo abandonados e silenciados.

Para Antunes e Ribas (2015), o trabalho em meio às turmas multisseriadas é um grande desafio, e algo imprescindível é a formação para atuar nesse contexto. Segundo as referidas autoras, a formação é vista como uma importante ferramenta na construção da educação, seja no sentido de manter o que está posto como pronto e acabado ou no sentido de romper e contribuir com uma educação voltada para a emancipação crítica dos sujeitos.

A colaboradora conta como era a organização da sala, como fazia com os alunos de diferentes idades e séries nas horas das atividades:

No início eu trabalhava só com a 3ª série e 4ª série junto, e minha irmã com a 1ª série e a 2ª série. Mas daí ela precisou se afastar e eu assumi as 4 séries, tudo junto. Então eu fazia assim, quando a mesa era comprida eu misturava as crianças, um da 1ª com da 2ª e 4ª série por exemplo. Os mais velhos iam ajudando os mais novos. E como era bom, eles aprendiam. Era difícil, mas era gostoso. (Professora Ivanir, Entrevista narrativa 2017).

Segundo Molinari (2009), a interação entre alunos de diferentes níveis, antes considerada um obstáculo, hoje é vista como uma vantagem pedagógica. As

crianças que realizam atividades em um grupo de diferentes idades apresentam desempenhos cognitivos superiores aos que mostrariam se realizassem as mesmas tarefas individualmente.

Santos (2007) afirma que a interação entre as crianças de diferentes graus e níveis de aprendizagem dentro das turmas multisseriadas, mediada pela diversidade de saberes constituídos pelos alunos e por meio do conhecimento sócio-histórico produzido, promove e potencializa a aprendizagem desses alunos.

Para Hage (2014), a valorização da pluralidade existente em meio às escolas ou turmas multisseriadas. Ele afirma que se faz necessário dar voz aos sujeitos que estão nas turmas multisseriadas, ou seja, ouvir os sujeitos do campo e aprender com suas experiências de vida, de trabalho, de convivência e de educação. Ele chama atenção, ainda, para a “escuta sensível<sup>1</sup>” daquilo que os professores vêm realizando, dando oportunidade para que possam refletir sobre suas experiências com a finalidade de que consigam [re]significá-las.

Entende-se a necessidade do aumento de trabalhos frente às classes multisseriadas, uma vez que a diversidade, a heterogeneidade dentro de uma classe multisseriada é um fator positivo para o ensino e a aprendizagem das crianças, dos jovens e dos adultos, daqueles que dele têm acesso.

Acredita-se na importância de dar voz e espaço, no meio acadêmico, aos professores que atuam em classes multisseriadas, proporcionando, através das narrativas (auto)biográficas, o compartilhar de suas experiências com outros professores, pois se percebe que é por meio da experiência, do dia a dia em sala de aula, da troca com o outro, que muitas professoras que trabalham em classes multisseriadas têm conseguido enfrentar as dificuldades que surgem, devido à falta específica de formação para se atuar nessa realidade.

A colaboradora desta pesquisa conta, por meio de suas narrativas (auto)biográficas, que ao trabalhar os conteúdos a serem desenvolvidos, ela aproveitava e valorizava a realidade em que os alunos estavam inseridos e o entorno

Eu trabalhava com a cultura deles, levava eles para a horta. Cada um tinha seu canteirinho, e ali eu ia trabalhando todas as disciplinas e eles

1 O uso da “escuta sensível”, aqui, parte da ideia usada por Salomão Antonio Mufarrej Hage, em seu artigo educação do campo e transgressão do paradigma (multi)seriado nas escolas rurais, publicado na Educ. Soc. [online]. 2014, vol.35, n.129, pp.1165-1182. ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302014144531>.

aprendiam de forma prazerosa e significativa. (Professora Ivanir, Entrevista narrativa 2017).

Compartilha-se da mesma ideia de Souza e Ferreira (2009, p. 77), quando estes falam da importância de se trabalhar na prática pedagógica das classes multisseriadas a realidade em que esses sujeitos estão inseridos:

Trabalhar com a realidade é importante para que a aprendizagem se torne significativa para o aluno. Por isso os textos poderão trazer em seu conteúdo assuntos que realmente chamem a atenção dos alunos. Mas é importante ao aluno conhecer outras realidades e relacioná-las com o seu cotidiano.

Entende-se, com isso, a importância do educador rural, no contexto de classes multisseriadas, estar trabalhando com práticas que se aproximam da realidade dos sujeitos que ali vivem, transformando a escola em um ambiente atrativo e fecundo de grandes aprendizagens e possibilidades.

Dona Ivanir relata as dificuldades e os medos que sentiu quando se deparou com uma turma multisseriada:

Lembro como hoje, quando me deparei com meus alunos, fiquei assustada, não sabia o que fazer, o que trabalhar e nem como ensinar. Daí eu fiz na Cidade de Julio de Castilhos/RS um magistério intensivo de 3 meses e um estágio. Isso me ajudou bastante, pois não tínhamos uma preparação para trabalhar com turmas multisseriadas. (Professora Ivanir, Entrevista narrativa 2017).

As afirmações de Antunes (2007) reiteram a importância do universo de formação docente, bem como que o sentido da docência para o professor é amplo e inclui sonhos, medos e desejos. Acredita-se que, ao conhecer a história de vida de um professor, ocorre um processo de interação, de trocas e de aprendizagens.

Isaia (2001) afirma que a trajetória pessoal envolve a perspectiva subjetiva do professor quanto ao desenrolar do seu ciclo vital, no qual as marcas da vida e da profissão interpenetram-se, mas mantêm suas especificidades próprias.

Assim, entende-se que a construção da identidade do professor não pode e não deve ser considerada somente a partir de seus conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, em sala de aula, mas também por meio de toda uma história de vida, a qual carrega consigo uma carga de experiência familiar, social, cultural, religiosa, econômica, além das próprias condições de trabalho como educador do meio rural em turmas multisseriadas.

Assim, conforme Isaia e Bolzan (2009), o desvelamento do professor como pessoa e profissional, ao longo das trajetórias que ele percorre, acontece a partir das situações concretas que ele enfrenta no seu dia a dia como docente.

Aprende-se com o que cria ou com o que criou experiência. Para Josso (2004), ao lembrar, ao permitir uma retomada, reformulando e transformando as vivências por meio da elaboração de pensamentos, geram experiências. Para a autora, o que se sabia antes pode não ser mais significativo a partir de novas ocasiões, acontecimentos ou estímulos, pois esse movimento reflexivo provoca transformações dentro do ser, plenitude de pensamentos, experiências, memórias significativas e sabedoria. Ainda conforme a autora, acumular o tempo vivido não gera experiência, mas, ao refletir sobre o tempo vivido, se está produzindo sabedoria.

Por meio do uso da entrevista narrativa, a professora teve a oportunidade de resgatar momentos importantes de sua vida, de sua trajetória como docente em classes multisseriadas, e de descobrir novos significados para o passado, trazendo-os para o presente.

A colaboradora narra o desafio ao ensinar as crianças em uma turma multisseriada:

O desafio em trabalhar com classes multisseriadas é como você ensinar, guiar um cego, no início você vai trilhando os caminhos, mostrando o caminho, como por exemplo, você ensinar uma criança a pegar o lápis, a aprender a escrever. No início é difícil, mas depois que aprende, não desaprende só vai. É bonito e cativante. (Professora Ivanir, Entrevista narrativa 2017).

Ao refletir sobre a narrativa da colaboradora, Freire (1986) ajuda a descrever a boniteza de ser professor e de ensinar, quando o mesmo afirma que ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde e também não nasce educador ou está marcado para ser educador. Nos fazemos e nos construímos educador através da reflexão sobre a prática.

A boniteza de ser professor é relatada na fala da colaboradora e expressa na emoção, nas lágrimas, nas saudades, no cheiro que ainda sente da escola das crianças, e isso, infelizmente, o pesquisador não se consegue transcrever na escrita, mas pode sentir:

Sinto saudades de dar aulas. Lembro que quando eu me aposentei eu cheguei em casa e chorei, não parava de chorar. E choro até hoje. De vez em quando eu ia à escola para matar um pouco da saudade. (Professora Ivanir, Entrevista narrativa, 2017).

Para Souza (2008), a entrevista narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de (re)ligá-los, tanto no tempo, quanto no sentido, proporcionando estruturar os acontecimentos em uma história, possibilitando produzir e construir o enredo, por meio da definição do espaço-tempo que marca o começo e o fim da história. Dessa forma, a entrevista narrativa demarca um espaço onde o sujeito, ao selecionar aspectos de sua existência, organiza suas ideias e potencializa a reconstrução de suas vivências pessoais e profissionais de forma autorreflexiva, possibilitando compreender sua história de vida.

Para Delory-Momberger (2008, p. 62):

A narrativa do outro é assim um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica; onde ela pode deslocar-se; reconfigurar-se, alargar seu horizonte; onde ela se põe à prova como escrita de si. A narrativa do outro é, de certo modo, um laboratório das operações de biografização que realizamos sobre nossa própria vida, nas condições de nossas inscrições sócio-históricas e de nossos saberes de experiências, a narrativa na qual nos produzimos como sujeito de nossa biografia.

Percebe-se, com isso, que o processo formativo e o trabalho com História de Vida de um professor são instigantes, como se fossem um desabrochar de uma flor; é impossível não se emocionar com a história do outro. Entende-se que, quando se trabalha com esse tipo de metodologia, se enxerga, como através de um espelho que reflete não somente o que passou ou o que se vivenciou, mas aquilo que se apreendeu a [re]significar através das vivências, experiências e do outro.

## CONSIDERAÇÕES

Entende-se que, aos professores reverem sua trajetória, organizando e estruturando seu pensamento para narrar, falar, contar sua história, revendo os acontecimentos do passado e articulando-os com o presente, num movimento entre o que aconteceu/ou e como gostaria que acontecesse. Há todo um processo de (re)conhecimento, de (re)visão e de [re]significações, um movimento que, segundo Josso (2004, p. 43), é de “caminhar para si”:

O processo de caminhar para si apresenta-se assim como um projeto, um projeto à escala de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos daquilo

que pensamos, daquilo que fazemos, daquilo que valorizamos e daquilo que desejamos na nossa relação conosco próprios, com os outros, com o meio humano e natural

Conhecer a história de vida, através das memórias de uma professora rural no contexto de classes multisseriadas, é um caminhar para si, pois conhecendo e trabalhando com história de vida é possível [re]significar a sua própria história de vida. A colaboradora da pesquisa, ao compartilhar suas narrativas, fez emergir suas experiências de vida e de formação, construindo um movimento reflexivo, onde a construção de sua identidade pessoal e profissional integrou-se dentro do saber ser e o saber conviver consigo mesma, com o outro e com os que estão em seu entorno, dando sentido para a construção do ser professor no contexto multisseriado.

Ao ativar a memória, realizou o que Souza (2006) denomina da arte de lembrar, um processo de recuperação do eu, que envolve a própria memória, o tempo e o esquecimento, pois a memória está inscrita em um tempo que permite as ligações que produzem as lembranças.

A memória vincula-se às experiências e não a meros acontecimentos, dessa forma, para Larrosa (2002), as experiências são definidas como algo que acontece, toca e marca quem as vivencia. Assim, através das narrativas da colaboradora da pesquisa, pode-se compreender que ela constrói um movimento reflexivo de olhar para si mesmo por meio de suas experiências e de suas aprendizagens construídas ao longo da vida, de sua formação, de sua profissão e dos desafios que se colocaram frente ao seu trabalho docente em classes multisseriadas.

Com isso, a partir do desenvolvimento da pesquisa, por meio das narrativas de suas experiências, a professora teve uma oportunidade formadora e propiciadora de elementos significativos para [re]significar, organizar o percurso biográfico, a partir do que marcou sua trajetória de vida, e se reconhecer como sujeito e protagonista da própria história de vida.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.) **Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 149 - 170.

ANTUNES, Helenise S. Relatos autobiográficos: uma possibilidade para refletir sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras. In. Dossiê: Alfabetização e Letramento. **Educação** / Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, v. 32, n. 1, 2007, p. 81 – 96.

ANTUNES, Helenise S.; RIBAS, Juliana da R. O caderno de educação do campo: possibilidades de reflexão sobre o pacto nacional pela alfabetização na idade certa. (2015). **Revista Políticas Educativas**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Poled/article/view/56224>>. Acesso: 13 out. 2018.

BAUER, Martin. W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luís Passegi. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Concepções, práticas e dilemas das escolas do campo: contrastes, desigualdades e afirmação de direitos em debate. In: Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Educação do campo e transgressão do paradigma (multi)seriado nas escolas rurais. **Educ. Soc.** [online]. 2014, vol. 35, n. 129, pp. 1165-1182. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302014144531>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

ISAIA, Silvia. O professor universitário no contexto de suas trajetórias. In: MOROSINI, Marília. (Org.). **Professor do Ensino Superior: identidade, docência e formação**. Brasília: Plano, 2001.

ISAIA, Silvia; BOLZAN, Doris. **Pedagogia universitária e desenvolvimento profissional docente**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2009. v. 4 (Série RIES/PRONEX).

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Tradução de José Claudio e Julia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, São Paulo, n. 19, p.20-28, jan./abr. 2002.

MOLINARI, Claudia. A diversidade ajuda no avanço de classes multisseriadas. **Entrevista a Revista Nova Escola**. Janeiro de 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/diversidade-ajuda-avanco-427132.shtml>>. Acesso: 20 jun. 2015.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto (Portugal): Porto Editora, 1995.

RIBAS, Juliana da Rosa; ANTUNES, Helenise. Sangoi. . Narrativas de Vida: processos formativos de uma professora rural no contexto de classes multisseriadas. In: Helenise Sangoi Antunes; Elizeu Clementino de Souza. (Org.). **Formação e Trabalho Docente em Contexto Rural**: diálogos teórico-metodológicos. 1ed.: Campinas/SP. Mercado das Letras, 2017

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François et al. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2007.

SANTOS, Limber. Didáctica multigrado: La circulación de los saberes en una propuesta diversificada. Publicado em **La Revista Quehacer Educativo**, Montevideo, febrero de 2007. Disponível em: <<http://rural2010.blog.com.es/2010/12/07/didactica-multigrado-circulacion-de-los-saberes-en-una-propuesta-diversificada-10133306/>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O Conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB,2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In: PASSEGI, Maria da Conceição; Souza, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **(Auto) biografia**: formação, territórios e saberes. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 85-101.

SOUZA, Elizeu Clementino. FERREIRA, Lúcia Gracia. Os ruídos embaixo do tapete: narrativas de formação e prática pedagógica alfabetizadora em classes multisseriadas no contexto rural. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís. **Essas coisas do imaginário**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livros, 2009.

## Agradecimentos

Agradecemos à Professora aposentada Ivanir Pinto da Silva por compartilhar a sua trajetória de vida como professora em uma escola rural em classes multisseriadas, oportunizar-nos [re]significações para nossa vida, para nossas pesquisas e para aqueles que têm acesso à leitura do artigo. Muito obrigada.

## Juliana da Rosa Ribas

Licenciada em Pedagogia pela UFSM. Especialista em Gestão Educacional (UFSM). Especialista em Educação Física Infantil e Anos Iniciais (UFSM); Mestra em Educação (PPGE/UFSM). Doutoranda em Educação (PPGE/UFSM). Professora Efetiva na Prefeitura Municipal de Lages/SC.

E-mail: [julianaribped@yahoo.com.br](mailto:julianaribped@yahoo.com.br)

## Helenise Sangoi Antunes

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (USM). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta na Universidade Federal de Santa Maria, exercendo atividades de pesquisa e ensino vinculado ao PPGE/UFSM.

E-mail: [professora@helenise.com.br](mailto:professora@helenise.com.br)

